

Miguel Correia

Área da Mulher da Criança e do Adolescente, Hospital Dona Estefânia, Centro Hospitalar Lisboa Central, Lisboa, Portugal
Faculdade de Ciências Médicas / Nova Medical School, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal

Acta Pediatr Port 2017;48:105-6

Exmos. Senhores Editores-Chefe,

Li com muito interesse o artigo de Sousa R e colaboradores, intitulado “Que fatores levam ao abandono de crianças do serviço de urgência antes da observação médica?”.¹ No entanto, gostaria de salientar algumas questões que me surgiram da leitura crítica do mesmo. Questiono a revisão bibliográfica feita para este artigo, ao citar como único outro estudo nacional publicado sobre esta questão e que documenta uma taxa de abandono de 0,9%.² Os estudos mais antigos remontam há mais de 20 anos e já referiam valores de taxa de abandono entre 0,3% e 2,4%.³⁻⁵ Em 2010, foi publicado um artigo que mostrava no serviço de urgência do Hospital Infante D. Pedro uma taxa de abandono de 2,5% (uma em cada 40 admissões) e que correlacionava com o tempo de espera prolongado (superior a três horas) e períodos de maior afluência.⁶ Em 2012 foi publicado o maior estudo casuístico de uma urgência pediátrica em Portugal, que diz respeito à análise do decénio 1999 a 2008, com um total de mais de 800 mil episódios de urgência. Neste estudo foi documentada uma taxa de abandono antes da observação médica de 1,4% (uma em cada 92 admissões) e com uma evolução em paralelo com o número de admissões na urgência e o tempo de espera (superior a duas horas).⁷ Da mesma forma já então foi constatado que os abandonos são mais frequentes nos meses de Inverno, às segundas-feiras, no período das 18 e as 24 horas e quanto menor o grau de urgência.⁸ Um estudo com o elevado nível do deste artigo merecia uma mais cuidada revisão e leva-me a contestar a afirmação *a priori* do artigo em questão que diz pouco se saber sobre outras possíveis causas para os abandonos em pediatria.

Refere o presente artigo que abandonaram a urgência após a triagem e antes da observação médica 280 crianças, correspondendo a 0,5% da amostra. Os autores referem nos seus resultados que não foi possível determinar o estado de abandono em 264 doentes. Teria sido

benéfico para a discussão do artigo abordar o hipotético destino destes doentes, cujo mais provável é ter sido o abandono visto os autores não terem encontrado registos sobre o mesmo. Isto elevaria a taxa de abandono para o dobro (aproximadamente 1% da amostra). Os autores decidiram, legitimamente, não realizar a análise dos 118 doentes que abandonaram a urgência após a observação médica. Penso que no futuro seria útil abordar o estudo deste grupo de doentes, pelo pouco que sabemos sobre o mesmo e pelo potencial risco clínico que o abandono antes da alta médica representa. Gostaria de enaltecer, contudo, a excelente discussão apresentada e terminar dizendo que concordo que a medida mais eficaz que temos de tomar é a promoção de uma campanha nacional de sensibilização à população para o uso racional da urgência pediátrica. A mesma apenas será bem-sucedida, se colocarmos ao dispor dos cuidados de saúde primários os recursos para absorver as crianças não urgentes que são atualmente observadas nos hospitais pediátricos.

Palavras-chave: Abandono de Doente; Criança; Hospital Pediátrico; Serviço Hospitalar de Emergência/estatística & dados numéricos; Tempo de Espera; Triagem

Keywords: Child; Emergency Department, Hospital/statistics & numerical data; Hospitals, Pediatric; Length of Stay; Patient Dropouts; Triage

Correspondência

Miguel Correia
R. Jacinta Marto, 1169-045 Lisboa
miguelfragatacorreia@gmail.com

Recebido: 12/01/2017

Aceite: 13/01/2017

Referências

1. Sousa R, Escária A, Mota M, Lima SC, Oom P. Que fatores levam ao abandono de crianças do serviço de urgência antes da observação médica? Acta Pediatr Port 2016;47:301-7.
2. Machado V, Peças S, Periquito I, Mota A, Veiga E, Balseiro MJ. Crianças que abandonam a urgência pediátrica: Oportunidades perdidas? Acta Med Port 2014;27:568-75.

3. Lemos L, Brinca B, Seabra J, Matos-Coimbra J, Soares FB. Serviço de urgência do Hospital Pediátrico de Coimbra - 1994 (Informatização global: Clínica e administrativa). Saúde Infant 1996;18:5-23.
4. Coelho M et al. Urgências pediátricas e casuística do Hospital Dona Estefânia. Lisboa: Bial; 1997.

5. Almeida-Santos L. Urgências pediátricas na cidade do Porto – Hospital de São João. *Nascer Crescer* 1997;6:214-5.
6. Oliveira A, Guerra MP, Cunha FI, Peralta L, Almeida S, Bicho A. Serviço de urgência pediátrico: Casuística de um hospital com serviço de pediatria geral. *Saúde Infant* 2010;32:53-8.
7. Coelho M. Resultados globais. In: Coelho M, Santos I, Papoila AI, Neves C, editores. 150 anos da pediatria portuguesa e meio

século de urgências pediátricas casuística do Hospital de Dona Estefânia. Lisboa: Pfizer; 2012. p.115-44.

8. Casimiro A, Francisco T. Casos particulares. In: Coelho M, Santos I, Papoila AI, Neves C, editores. 150 anos da pediatria portuguesa e meio século de urgências pediátricas casuística do Hospital de Dona Estefânia. Lisboa: Pfizer; 2012. p.242-6.

RESPOSTA DOS AUTORES

Rodrigo Sousa^{1,2}, Paulo Oom¹

1. Serviço de Pediatria, Hospital Beatriz Ângelo, Loures, Portugal

2. Serviço de Pediatria, Departamento de Pediatria, Hospital de Santa Maria, Centro Hospitalar de Lisboa Norte, Lisboa, Portugal

Acta Pediatr Port 2017;48:106-7

Exmos. Senhores Editores-Chefe,
Lemos com atenção a carta de Correia M. e agradecemos o interesse demonstrado pelo artigo e os pontos importantes que levantou, que passamos de seguida a abordar.

A pesquisa bibliográfica que fundamentou o estudo foi realizada com recurso a revistas indexadas em bases de dados nacionais e internacionais. Três dos artigos mencionados encontram-se publicados em livro e, por este motivo, não pesquisáveis.¹⁻³ Um outro artigo encontra-se publicado em revista indexada, mas não está disponível em qualquer das bases de dados de indexação, incluindo a própria página da revista em questão (cujo arquivo remonta apenas até 2003).⁴ Finalmente, os únicos artigos de entre os mencionados que conseguimos de facto consultar encontram-se publicados em revista não indexada e são, como tal, não pesquisáveis.^{5,6} Lamentamos que estudos sobre um tema importante e atual não tenham sido publicados em revistas científicas indexadas.

No que diz respeito aos doentes com estado de abandono indeterminado, tratando-se de um estudo retrospectivo não foi possível determinar se estes tinham de facto abandonado a urgência por os seus registos estarem incompletos. Para não criar um viés decidimos excluí-los. Podemos acrescentar que nos encontramos atualmente a finalizar a análise de dados de um estudo prospetivo sobre a mesma temática.

Finalmente, tal como mencionado no artigo, concordamos com Correia M. quanto à importância de medidas que apostem na sensibilização da população para o uso racional da urgência e para o reforço dos recursos disponíveis a nível dos cuidados primários de forma a minimizar a ocorrência de abandonos.

Palavras-chave: Abandono de Doente; Criança; Hospital Pediátrico; Serviço Hospitalar de Emergência/estatística & dados numéricos; Tempo de Espera; Triagem

Keywords: Child; Emergency Department, Hospital/statistics & numerical data; Hospitals, Pediatric; Length of Stay; Patient Dropouts; Triage

Correspondência

Rodrigo Sousa

Serviço de Pediatria, Departamento de Pediatria, Hospital de Santa Maria, Av. Prof. Egas Moniz, 1649-035 Lisboa, Portugal
rodrigocsousa@gmail.com

Recebido: 22/02/2017

Aceite: 23/02/2017